

JORGE AMADO, POETA: A JUDIA DE VARSÓVIA

Márcio Henrique MURACA
Universidade Federal de Uberlândia-MG
henrymuraca@yahoo.com.br

Resumo: Jorge Amado (1912-2001) foi um autor multifacetado. Conhecido principalmente pelos seus romances populares, como *Gabriela Cravo e Canela* (1958), o escritor baiano dedicou-se a outros gêneros textuais, como a crônica e a poesia – embora poucos tenham conhecimento de tais incursões literárias. Em 1938, Amado publicou o livro de poesias intitulado *A Estrada do Mar*, edição esta raríssima. Um dos poemas que circulam no mundo virtual é a “A Canção da Judia de Varsóvia”, no qual o autor dá voz a uma judia que, durante a Segunda Guerra Mundial, é levada a um campo de concentração nazista na Polônia. O longo poema levanta questões ainda presentes na atualidade: o antissemitismo, a perseguição a minorias, a violência contra mulheres. Além da sensibilização à questão judaica – o que converge para seu ideal libertário e humanista em contraste à opressão que as relações de poder perpetram a minorias em geral – Jorge Amado aproveita a temática, no plano político-ideológico, para reforçar a propaganda comunista/stalinista, que julgava democrática e redentora dos espoliados, em detrimento do ideal fascista disseminado no mundo na época, inclusive no Brasil.

Palavras-chave: Jorge Amado; poesia; antissemitismo; comunismo, Segunda Guerra

Best seller mundial, artista consagrado pelo retrato colorido e bem humorado de tipos e paisagens tropicais, o que contribuiu para uma visão da Bahia como metonímia do Brasil, poucos têm conhecimento de Jorge Amado (1912-2001) cronista ou mesmo poeta. A maior parte de suas crônicas publicadas desde a década de 1930 em periódicos diversos (desde *O Imparcial*, da Bahia, até a *Folha da Manhã*, de São Paulo) ainda se encontra em arquivo na Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador. Uma seleção de 103 textos da coluna “Hora da Guerra”, publicados diariamente entre 1942 e 1945, cuja temática são os fatos e acontecimentos em torno do maior conflito mundial do século XX, foi editada em livro somente em 2008, com título homônimo da coluna. Inúmeras outras crônicas, sobre temas diversos, permanecem inéditos na atualidade.

Quanto à sua obra poética, os poucos versos que produziu também ficam no espaço do *entre-lugar*, apenas disponível para aqueles que se aventuram pelas salas da fundação mencionada. *Estrada do Mar*, o único livro de poesias do baiano de que se tem notícia, foi publicado com recursos próprios em 1938 e, desde então, não houve reedições. Ao se colocar esse esquecimento, pode-se levantar uma questão: tais textos de Jorge Amado são relevantes para a crítica e para os leitores em geral?

Um modo de leitura desses escritos parte do diálogo que fazem com a história e a memória de uma época. Isso, por si, permite o resgate de um tempo sob o olhar de um escritor cuja trajetória se confunde com a do século XX. As crônicas de guerra, por exemplo, foram escritas no período em que Amado era militante comunista, numa década em que fervilhavam fascismos e nacionalismos expansionistas, o que deixou nos textos marcas ideológicas assim como tensões perceptíveis entre os ideais libertários do escritor e sua obrigação de seguir as diretrizes de Moscou.

Eduardo de Assis Duarte (1996, 277p.) em sua obra *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia* caracteriza tal embate como o “jogo de interferências” que se estabeleceu entre o universo de ação política do escritor e o de sua criação literária¹, choque esse que se deu, sobretudo, entre as décadas de 1930 e a de 1950, quando então Jorge Amado rompe com o Partido Comunista e logo publica *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), afastando-se de um discurso utópico-stalinista para inaugurar sua fase de êxito comercial referida anteriormente, na qual se destacam a *cor* e o humor².

A exígua produção poética do baiano pode ser igualmente situada no contexto político-ideológico da primeira metade do século XX. Nesse sentido, a escrita de Jorge Amado vai se dirigir para aquela concepção de que trata Alfredo Bosi em *O Ser e o Tempo da Poesia*: o “desencanto do mundo” a que o poeta se volta como defesa e resposta, ou ainda a *resistência da poesia* como uma possibilidade histórica (BOSI, 1977, p.140-141). E se, nas palavras de Octavio Paz (1982, p.230), “o poeta não escapa à história” e em seus versos acabam por revelar o homem, Amado elege a temática da perseguição judaica para possivelmente se chegar ao universal: a opressão engendrada por determinado poder como justificativa desse mesmo poder.

O longo poema “Canção da Judia de Varsóvia” é um indicador dessa articulação entre o plano histórico – antissemitismo – e o plano ideológico – denúncia da exclusão. Os versos livres do poema evocam um lamento em primeira pessoa (ou uma canção fúnebre, como o próprio título indica), eivado de imagens pueris e um discurso lírico apoiado na indignação de quem perde tudo, incluindo o *nome* em meio a uma massa informe; sendo essa uma redução a qual Primo Levi descreve como aquém da existência

¹ Sobre a relação autor e ideologia, Alfredo Bosi, em *Literatura e Resistência* (2002), e Terry Eagleton, em *Marxismo e Crítica Literária* (2006), observam que tal articulação não poder ser reduzida a um espelhamento entre estrutura social e obra literária. Em seu lugar, uma leitura crítica que busque o autor imerso no tecido ideológico de uma época, revelando o quanto possível suas coerências, divisões, contradições e alterações, conforme Antonio Candido em *Tese e Antítese* (2006).

² Ainda que tais características não estejam de todo ausentes naqueles romances da chamada primeira fase. Miécio Táci sublinha que tais elementos, *cor* e humor, “não faziam um sistema, eram linha acessória que corria paralelamente a uma linha mais acentuada, dramática [...]” (TÁTI, p.160-161).

de um mendigo, quando se pressupõe que um morador de rua pode levar consigo “um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado”, enquanto o que foi arrastado a um campo de concentração é aniquilado até que reste apenas “um ser vazio [...] esquecido de dignidade e discernimento”. (LEVI, 1998, p.25).

Em sentido semelhante, a “Canção da Judia de Varsóvia” assim tem início: “Meu nome, já não o sei.../ Só de Judia me chamam” (AMADO, 2010, p.93). Esse mote pontua o poema, evocando um refrão e reafirmando a perda da identidade e o esvaziamento: “– Judia não tem beleza, judia nem nome tem.../ [...] Meu nome, já não o sei – só de judia me chamam.” (AMADO, 2010, p.93). Os últimos versos, em tom bastante pueril, ecoam a esperança do eu-lírico: “se [...] os nazistas se acabassem/ E a primavera encheria de cantos/Varsóvia inteira,/Nas ruas de criancinhas, nos alegres/jardins de flores,/Nos olhos dos namorados.../Tudo seria uma canção!/E, moça judia então, nome de novo/eu teria!” (AMADO, 2010, p.93).

Essa “moça judia”, arrastada a um espaço de exclusão/extinção, serve bem a Jorge Amado como metáfora do oprimido que resiste ao cantar, ao lamentar, ao desejar tempos de liberdade (ainda que apoiado na utopia) em oposição à barbárie a que as minorias marginalizadas estão condenadas nas sociedades em geral, muitas vezes justificada pelo racismo, forma que o opressor (seja ele o imperialista ou o ditador) usa como “instrumento de domínio” e “ideia política”. (ARENDDT, 2007, p.225).

O tom de toda a obra do baiano, em qualquer fase, encontra sua energética nessa relação. Daí que a estrutura de seus textos recorra a várias formas da tradição popular, como o cordel e o folhetim, “sem perder a oportunidade de infiltrar no enredo mensagens de fundo político, com vistas à emancipação das classes marginalizadas.” (BERGAMO, 2008, p.79)³. A “Canção da Judia de Varsóvia” não foge a esse projeto estético-ideológico ao fazer do “judeu” seu tema e do lamento, sua estrutura, na qual destaca o paralelismo, forma consagrada por reforçar *emotividade*⁴: “Está Varsóvia gemendo.../Está Varsóvia morrendo...” (AMADO, 2010, p.93).

³ Mais especificamente em relação aos romances do autor, Ilana Seltzer Goldstein, em sua obra *O Brasil Best Seller de Jorge Amado*, ao tratar de *Jubiabá* (1935) também aponta a estrutura do cordel na obra, apresentada “de modo a nunca cansar o leitor, com inúmeros ciclos, ápices, surpresas e efeitos de suspense.” (GOLDSTEIN, 2000, p.145).

⁴ Veja-se a introdução de Márcio Seligmann-Silva ao livro *Laocoonte – Ou sobre as fronteiras da Pintura e da Poesia* sobre certa concepção de que o convencimento na poesia (“*persuadere* no jargão da retórica clássica”) passa pela emoção, conforme as conclusões de Dubos em seu *Réflexions Critiques sur La Poésie et sur La Peinture* (1719) (SELIGMANN-SILVA, 1998, p.20).

No plano ideológico, pautado pelo ideal comunista de conscientização das massas para que a revolução proletária possa eclodir, o poema insere a possibilidade de resistência seguida de transformação, como se observa:

Disseram que em outras terras,
Judias e não judias, moças que nem
nome têm,
Em armas se levantaram,
Que guerrilheiras se chamam, que
matam nazis nas noites,
Que vingam os noivos e a honra!
Quem dera fosse verdade!
Porque... Se fosse verdade, mulheres
matando nazis,
Nesse campo desgraçado uma alegria eu teria,
uma esperança também.
Dizem que em outras terras lutam
mulheres em armas...
(AMADO, 2010, p.93)

Nesse sentido, a escolha da temática por Jorge Amado não é resultado apenas de uma sensibilização à questão judaica – ou a Shoá. Não se deve esquecer que nas primeiras décadas do século XX disseminava-se na sociedade brasileira o *mito*⁵ que combinava antissemitismo e anticomunismo, promovido por setores reacionários e fascistas (WIAZOVSKI, p.123-174). Fora essa “associação da militância revolucionária e do comunismo à figura do judeu” (MOTTA, 1998, p.1) que, como consequência, pode ter levado Amado a simpatizar e a se identificar com a questão judaica, há que se observar ainda a invasão da pátria comunista pelos nazistas em 1941, quebrando o pacto alemão-soviético que, convém lembrar, havia retalhado a Polônia não muito antes. Ao se tornar inimigo, Hitler passa a ser demonizado por militantes do PCB; ao se

⁵ Vale explicitar que no contexto da “Era Vargas o antissemitismo se manifestou fermentado pelo pensamento católico reacionário, pela literatura francesa de cunho fascista e pelos paradigmas difundidos pelos regimes totalitários europeus. Entre 1930 e 1935 a percepção da necessidade de uma ofensiva anticomunista em defesa da ordem nacional e política se intensificou no interior de alguns grupos sociais. A ideia de uma conspiração judaica adquiriu a forma de grande ameaça no espaço aberto pela primeira grande onda anticomunista (1935-1937) acionada como pretexto para justificar a repressão aos revolucionários de 1935 e o golpe autoritário de 1937.” (WIAZOVSKI, 2008, p.125).

converterem em aliados, velhos imperialistas como a Grã-Bretanha e capitalistas como os Estados Unidos passam a ser louvados pelo seu caráter democrático e antifascista.

Daí que se vislumbra a grande contradição, vista sob a perspectiva da atualidade. Se o estado totalitário pode ser definido, de acordo com Todorov, tendo em vista a oposição entre dois princípios – “autonomia da coletividade” e “autonomia do indivíduo” –, onde o primeiro deve prevalecer sobre o segundo, sendo que o sujeito autônomo e a pluralidade são afastados em nome de um *monismo* em que todos devem concordar (TODOROV, 2002, p.26), a denúncia de Jorge Amado às mazelas do nazifascismo se desencontra mediante o regime ditatorial e violento de Stálin.

Descontada a hipótese de que Amado viria a ter conhecimentos dos crimes do líder comunista apenas na década de 1950, não resta dúvida, por outro lado, que sua escrita foi guiada em muito pela movimentação de Moscou. Jorge Amado tece o lamento de uma judia em Varsóvia, mas, em contraste, poucas referências há em suas centenas de textos de guerra quanto à perseguição judaica no Brasil, ao barramento da entrada de refugiados vítimas do nazismo no país e a todo programa de cotas de imigração do governo Vargas que excluía os judeus. O “perigo semita” ou a “nocividade” da imigração judaica alegada na época (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.103-262) teve de ser silenciada pelo baiano em virtude, sobretudo, do alinhamento entre comunistas e o Estado Novo no esforço de guerra contra as nações do Eixo. O inimigo Vargas, o mesmo que havia entregado a alemã de origem judaica Olga Benário, esposa do líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes, aos nazistas, agora deveria ser propagandeado como governante antifascista em prol da democracia.

Assim, se a “Canção da Judia de Varsóvia” permanece como denúncia e amostra da sensibilidade de um autor que não deixa de se posicionar contra a perseguição e aniquilação de um povo, metáfora ainda hoje de extremismos e fundamentalismos que assolam o planeta, em contrapartida é necessário desvelar certas contradições (naturais, que se diga) numa época de extrema convulsão político-ideológica.

Referências

- AMADO, Jorge. “A Canção da Judia de Varsóvia”. In: *Revista Mercado*. ano 4. n.32. Uberlândia. 2010. p.93.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BERGAMO, Edvaldo. *Ficção e Convicção – Jorge Amado e o Neo-Realismo Literário Português*. São Paulo: Unesp, 2008.
- BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese*. São Paulo: Nacional, 1978.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e Crítica Literária*. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2011.
- GOLDSTEIN, Ilana S. *O Brasil Best Seller de Jorge Amado*. São Paulo: Senac, 2000.
- LEVI, Primo. *É Isto um Homem?* Trad. Luigi Del Rel. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- _____. *Os Afogados e Os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Mito da Conspiração Judaico-Comunista. In: *Revista de História*. no. 138. julho. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83091998000100007&script=sci_arttext>, acesso em 1/11/2011.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Introdução/Intradução”. In: *Laocoonte – Ou Sobre as Fronteiras da Pintura e da Poesia*. São Paulo: Iluminuras, 1998, p.7-57.
- TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: Vida e Obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.
- TODOROV, Tzvetan. *Memória do Mal, Tentação do Bem*. Trad. Joana Angélica D’Ávila. São Paulo: Arx, 2002.
- TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. *O Antissemitismo na Era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- WIAZOVSKI, Taciana. *O Mito do Complô Judaico-Comunista no Brasi – Gênese, Difusão e Desdobramentos (1907-1954)*. São Paulo: Humanitas, 2008.